

“Le Monde” acha que passado pode causar problemas a Sarney

Paris — As dificuldades que o Presidente José Sarney encontrará para sustentar a coalizão política arquitetada por Tancredo Neves, assim como sua condição de líder até há pouco do partido que apoiava o regime militar, são destacadas no editorial de primeira página — “Fragilidade” — que **Le Monde** publicou ontem, coincidindo com análises de jornais de todo o mundo que deram destaque à morte do Presidente eleito.

Le Monde

No editorial, o vespertino francês conclui: “Tancredo não faltou completamente ao seu encontro com a História. Sua longa agonia levou a uma maturação dos espíritos e a uma grande vigilância no desenvolvimento do processo de democratização. O pai da democracia brasileira morreu, mas todo o povo reivindica sua herança para viver a Nova República brasileira.”

Antes, no entanto, o jornal pondera que “a unanimidade em torno de Sarney, inimaginável há apenas um mês em razão do apoio que emprestou continuamente ao regime militar, deu-se por necessidade”. Acrescenta que “Sarney deve seu cargo unicamente a uma barganha, resultado de uma estratégia eleitoral”, e que “provavelmente se beneficiará apenas de uma curta trégua”.

Diz ainda o **Monde**: “Sem o grande artífice, o Brasil corre o risco de ver surgirem à luz do dia as contradições e as ambições. Os movimentos grevistas que podem eclodir a qualquer momento e a batalha política em torno das eleições diretas constituirão testes decisivos. A duração do mandato de Sarney dependerá de suas qualidades pessoais para dirigir os negócios do país e sobretudo de sua capacidade de silenciar as rivalidades políticas.”

The New York Times

Os principais jornais americanos — **The New York Times**, **The Washington Post** e **The Wall Street Journal** — deram na primeira página a notícia da morte de Tancredo. Este último limita-se a comentar em poucas linhas perspectivas de conflitos políticos, diminuição das possibilidades de ação no terreno econômico e convocação de novas eleições presidenciais.

O **Washington Post** comenta: “Sarney está consciente de sua falta de experiência e apoio popular. O ex-Governador do Maranhão quis ser um poeta, e não um político, mas como liberal de direita em mais de uma ocasião ajudou os que caíram em desgraça com os generais brasileiros”. Para o jornal, José Sarney “dependerá em alto grau do apoio do líder parlamentar Ulysses Guimarães, que lutou pela eleição direta que Sarney tratou de evitar”.

O **New York Post** também frisa a importância do papel do Presidente da Câmara dos Deputados e primeiro na linha da sucessão presidencial para que se mantenha a coalizão que chega ao Governo.

Em seu programa matutino “Quatro Vozes”, emitido em italiano, francês, espanhol e inglês, a Rádio Vaticano foi mais dura com o novo Presidente brasileiro e até irônica com a contingência em que se encontra o país.

Depois de se perguntar “se resistirá todo esse frágil conglomerado de interesses e poderes cujo fiel era precisamente Tancredo Neves”, o comentarista considera que “a atual situação do Brasil, não fosse a tragédia que encerra, parece extraída dos melhores relatos do escritor Gabriel García Márquez”, e explica:

— Um país latino-americano que, após longos anos de governos militares, consegue ter um presidente democrata, mas este não chega a governar, morrendo após prolongada agonia. E para arrematar esta alegoria, caberia acrescentar que o homem que substituirá Neves, José Sarney, foi durante muitos anos o homem dos militares.

Prosegue a Rádio Vaticano: “Neste momento, todo o processo político fica nas mãos de José Sarney, neodemocrata, aprendiz de poeta e político profissional. Os brasileiros não esqueceram que há pouco mais de um ano de Sarney Sarney era o homem encarregado pelo regime militar de impedir a aprovação de uma emenda constitucional para restabelecer o voto popular nas eleições presidenciais. Em decisão que surpreendeu a todos, em junho do ano passado, Sarney um belo dia amanheceu democrata. Por uma ironia da História, está hoje convocado a conduzir a transformação do regime ditatorial um homem que foi outrora aliado dos Governos militares”.

LA RAZON

Na Argentina, onde também foi para a morte de Tancredo e a confirmação da posse de Sarney a ênfase gráfica das edições, sempre na primeira página, a substância das análises e comentários igualmente centrou-se na delicadeza da situação política.

La Razón também se refere à “fragilidade” do momento político após a morte de Tancredo, “que despoja de todo revestimento democrático a transição acordada nas altas cúpulas”: “A realidade se apresenta cruamente aos olhos de todos: o sucessor de João Figueiredo é o ex-Presidente do partido de João Figueiredo; o sucessor dos militares é a máxima figura civil do Governo militar. O eco das vozes de milhões de pessoas que foram às ruas no início de 1984 para exigir eleições diretas faz-se ouvir em Brasília, enquanto os líderes dos principais partidos apóiam José Sarney como inevitável solução de emergência”.